

Antígona com voz cabo-verdiana na poesia de Vera Duarte

Antigone with a Cape Verdean voice in the poetry of Vera Duarte

Susana Marques*

Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

smp@fl.uc.pt

ORCID: 0000-0002-4432-2517

Palavras-chave: Antígona, receção dos clássicos, Vera Duarte, literatura africana de expressão portuguesa.

Keywords: Antigone, reception of the classics, Vera Duarte, Portuguese-speaking African literature.

Introdução

No prosaico do quotidiano
se inspiram meus poemas...
(Duarte, 2022, p. 83).

Os versos transcritos, da autoria de Vera Duarte¹, refletem a essência de uma poesia e de uma prosa poética de forte tonalidade autobiográfica e emocional,

* Quero manifestar o meu agradecimento à Doutora Vera Duarte pela sua disponibilidade para responder (por email) a diversas questões que lhe coloquei a propósito dos ecos clássicos greco-latinos na sua obra. Deixo, de igual modo, palavras de gratidão às Doutoradas Fernanda Cavacas e Maria Fernanda Brasete por terem sido portadoras do volume *O arquipélago da paixão*, solitamente oferecido pela respetiva autora.

¹ Nascida no Mindelo – S. Vicente, Cabo-Verde –, em 1952, Vera Duarte despertou desde tenra idade para o gosto pela poesia, um gosto suscitado por declamações dominicais que fazia na igreja frequentada pela sua família judaico-cristã e que, na altura, a instigou até a escrever alguns poemas que, por norma, acabava por rasgar mais tarde. Membro da média burguesia, teve acesso a livros e a autores vários, em casa e na biblioteca municipal, lendo muito, desde criança, com uma curiosidade que a estimulava a incluir nas suas leituras obras em geral interditas aos mais jovens. O seu percurso escolar em Cabo-Verde, ainda durante o período colonial português, permitiu-lhe um contacto privilegiado com grandes nomes do movimento literário da ‘Claridade’, um movimento “de luta pela legítima expressão crioula” (Lima, 2021, p. 3); boa parte desses autores

atiçada por vivências – e por preocupações – muito atuais de uma mulher cabo-verdiana filha de um “Arquipélago de paixão”, de uma mulher crioula “entre-mundos, entre-sítios, entre-povos”, de uma mulher sensível e combativa, desde a juventude, de “uma mulher de causas”, capaz de escrever, com clareza e sem receios, “não à escravidão, ao colonialismo, ao racismo, ao autoritarismo, à submissão, à pedofilia, ao feminicídio, à misoginia... – nunca mais” (Duarte, 2022, p. 95). De facto, o eu lírico dos diversos volumes de poesia publicados deixa transparecer o amor manifesto de Vera Duarte pelo seu país em especial² e o seu envolvimento ativo em causas sociais de Cabo-Verde, de África, do mundo, do ser humano em geral, um engajamento que por certo não é alheio à sua formação e à sua atividade profissional na área do Direito. “Sempre me senti incumbida de

foram seus professores e/ ou amigos dos pais (e.g. Baltasar Lopes da Silva, Jorge Barbosa). Vera Duarte viajou, entretanto, para Portugal, tendo-se formado em Direito pela Universidade Clássica de Lisboa, em 1978. De regresso a Cabo-Verde, foi Juíza Desembargadora, tornando-se na primeira mulher a entrar para a magistratura no seu país, uma carreira interdita às mulheres até à proclamação da independência, em 1975. Vera Duarte tem desempenhado diversos cargos relevantes em Cabo-Verde, entre os quais, o de Ministra da Educação e do Ensino Superior. Integrou/integra várias organizações e centros de investigação, a nível nacional e internacional, nomeadamente a Comissão Africana dos Direitos dos Homens e dos Povos e a Organização das Mulheres de Cabo-Verde. Tem recebido diversos prémios pelo seu ativismo sociocultural e pela sua escrita, a qual contempla poesia e prosa (conto, crónica, romance, ensaio), sendo que a sua publicação de estreia foi em 1993, já num momento pós-colonial, com a obra poética *Amanhã amadrigada*. Na sua produção em geral, com ressonâncias das múltiplas leituras feitas desde a infância, sobretudo de autores de língua portuguesa ou de traduções de escritores de outras línguas, percebe-se o dialogismo com escritas diversificadas (e.g. Baltasar Lopes, Jorge Barbosa, Mário Fonseca, Corsino Fortes, Léopold Senghor, Aimé Césaire, Manuel Bandeira, Florbela Espanca, Eugénio de Andrade, Manuel Alegre...) e descobre-se um tom autobiográfico, de grande intensidade emotiva, uma voz feminina que se afirma muito para além do Arquipélago de origem e que pugna pelos direitos humanos, pela liberdade. Os prefácios que antecedem as suas produções literárias, assim como múltiplas entrevistas que a autora tem concedido à imprensa e a investigadores académicos, bem como as suas diversas colaborações em revistas, jornais e volumes coletivos, para além de artigos e teses a propósito da sua escrita favorecem a compreensão da sua obra e dos seus objetivos.

- ² Descoberto pelos Portugueses no século XV, como é sabido, o Arquipélago de Cabo-Verde estaria desabitado; o seu povoamento implicou a miscigenação entre colonizadores europeus brancos e africanos negros, “na sua maioria escravizados da zona litoral da Guiné”, “constituindo uma população crioula” (Lima, 2019, pp. 342 e 359), na qual se percebe a fusão cultural.

Cabo Verde, devido ao seu clima de chuvas escassas e natureza hostil, não causou no colonizador interesse de fixação, tendo as ilhas servido como território de passagem e entreposto (também de escravizados)... [...], ...não obtendo concentrações étnicas, nem africana, nem europeia, que permitissem serem impostas na sociedade cabo-verdiana como padrão. O parâmetro teria se diluído ‘nas trocas culturais que se estabeleceram durante os quatro primeiros séculos da colonização, ao longo dos quais o africano, para não desaparecer culturalmente, empreendeu uma resistência’ (Duarte *apud* Lima, 2019, p. 346) que o fez passar do objeto em que havia sido transformado a sujeito de sua história (Lima, 2019, pp. 341-342 e 346; Duarte *apud* Lima, 2019, p. 346).

A realidade dos Cabo-verdianos tem sido fortemente marcada pela diáspora forçada, desde o século XVI até aos nossos dias, ainda que por causas diferentes, que vão da escravatura a várias razões de sobrevivência que instigam até à emigração clandestina (cf. e.g. a falta de chuva no país, agravadora de condições de pobreza, a precariedade económica).

falar, de escrever, de denunciar situações que eu vi e que não me agradavam”³, confessa, pelo que a luta contra a fome e a miséria, que a secura do clima insular teima em agravar no seu arquipélago-natal, a diáspora dos Cabo-verdianos pelo mundo, o combate pelos direitos humanos, pela igualdade de géneros, pela emancipação da mulher, pela educação, pela justiça social e racial, pela fraternidade, pela liberdade são temas recorrentes na sua escrita, uma escrita que se propõe “resistir, denunciar, subverter e sobretudo ajudar a mudar”⁴. Uma atenção especial é concedida às crianças e às mulheres, tantas vezes excluídas⁵: desde o liceu, Vera Duarte sentia alguma inquietação pelo destino das mulheres, por elas serem agredidas, subjugadas; enquanto Procuradora da República de Cabo-Verde, porém, ela pôde trabalhar o processo que favoreceu mais a sua emancipação⁶, em conexão com todo um movimento internacional no mesmo sentido. Nota oportunamente Secco (2004, p. 216) que

O não cumprimento das promessas de justiça social, depois da Independência <do colonialismo português, em 1975>, havia gerado no contexto social cabo-verdiano um desalento que se infiltrara também nos meios literários. Contudo, inspirando-se na *mirabilis*, planta que resiste à secura dos desertos, uma nova geração chamada ‘mirabíllica’⁷ surgiu, nos anos 1990 [...], efetuando reflexões críticas acerca do presente do Arquipélago. [...]

Entre as vozes poéticas dessa geração, destaca-se, entre outras, a de Vera Duarte, reivindicando o direito das mulheres à eroticidade do corpo e do discurso, fundando, assim, um universo lírico (...), no qual a mulher almeja ser desejo de seu próprio desejo. [...]

Com essa *poiesis* de contestação da submissão feminina, o eu-lírico rompe com a idéia do ‘cais da saudade’ [...] que sempre cingiu as mulheres cabo-verdianas ao espaço circunscrito das ilhas.

Nesta poesia, em que é perceptível a marca do contexto social, cultural, histórico e também geográfico de Cabo-Verde, em que enquadramento recorre Vera Duarte aos clássicos greco-latinos, à memória herdada, ao ‘dialogismo’ textual, à ‘transtextualidade’, à ‘intertextualidade’ a que se referem, respetivamente,

³ Duarte in Santos, 2022.

⁴ Duarte, 2020, in contra-capá de *Contos crepusculares – Metamorfoses*.

⁵ A propósito da história da condição da mulher cabo-verdiana, desde a descoberta do Arquipélago e do colonialismo português, até à luta pela independência do país e aos tempos pós-colonialistas, cf. e.g. Coutinho 2020.

⁶ Duarte in Tolomei, 2021.

⁷ Secco (2008) elenca outros nomes pertencentes a esta geração *mirabíllica* e salienta que, na nova poesia cabo-verdiana, “o mar não é mais visto como prisão, espaço de evasão ou metáfora utópica da liberdade social. Apresenta-se, agora, como território de reflexão, de mergulho nas profundezas interiores e existenciais, como local de passagem e de abertura para o mundo”. A mesma investigadora, citando Simone Caputo Gomes, recorda que, na produção *mirabíllica*, ...as questões consideradas como tradicionalmente ligadas à criouliidade ou caboverdianidade – a seca, a chuva, a fome, o trabalho, a pesca da baleia, o mar, a insularidade, a emigração – são retomadas em outro contexto, em conjunto com novas questões como as lutas e as desigualdades sociais vistas num contexto pós-colonial, o desencanto, o desespero, a solidão, a morte, a existência pessoal, o humor, a ironia, a indagação de Deus, visando conjugar aspectos nacionais e universais.

M. Bakhtin, G. Genette e J. Kristeva? De acordo com a autora, a Antiguidade sempre a fascinou, sobretudo o Egito e a Grécia⁸. Este encantamento ter-se-á adensado com os envolventes ensinamentos, no Liceu Gil Eanes, de um memorável professor de História, António Aurélio Gonçalves, Nhô Roque, como era designado. Assim, ainda que a autora nunca tenha estado na Grécia, ao contrário, porém, do que acontece em relação a Itália e ao Egito, nutre um gosto pessoal pela História da Antiguidade que, acrescido de inúmeras leituras ao longo da vida, a instiga a recuperar mitos e personagens de outrora. O conhecimento da cultura clássica, mesmo se haurido através de traduções, no que a hipotextos concerne⁹, fica evidente na obra da autora por pertinentes alusões a figuras como Hipócrates, Safo ou Platão, a lendas e a personagens míticas como Sísifo, Baco, Antígona, Penélope, entre várias outras¹⁰. O recurso a mitos greco-latinos é reiterado, mas, em geral, visível em breves menções, aqui e ali ajustadas à realidade africana, como se percebe, por exemplo, na opção por um “Orfeu negro”¹¹ (ou, no caso da prosa, por uma “Vénus crioula” com pele de um castanho-dourado¹²). Os textos recuperam as lendas transmitidas para o cenário contemporâneo, antes de mais da “crioulidade”, e convidam a mesclar significativamente figuras do imaginário, como Pandora, a primeira mulher, e da realidade, como Madre Teresa de Calcutá, protetora dos oprimidos, num registo que entrelaça os domínios universal e particular, mítico e histórico, passado, presente e futuro, e que favorece a abordagem e a reflexão sobre questões intemporais como a tirania, a injustiça, a guerra, a violência, a misoginia. A voz de Vera Duarte é de assumida denúncia social contra males coevos concretos, percebendo-se, pois, o privilégio que concede à condição feminina, à emancipação e ao empoderamento da mulher na contemporaneidade, o que a instiga a destacar particularmente figuras modelares femininas na sua escrita. De acordo com o testemunho da própria autora em diversas entrevistas, no momento atual, ainda que se mantenham algumas desigualdades de género em Cabo-Verde, houve uma notória emancipação da mulher, visível já desde a independência do país, em 1975, verificando-se paridade a diferentes níveis, como a educação ou a atividade profissional.

⁸ In email enviado pela autora no dia 08. 02. 2024.

⁹ Nas entrevistas que tem concedido, Vera Duarte afirma-se como uma “magistrada que gosta de escrever”, sem grandes preocupações formais, sem ter estudado linguística nem literatura; acrescenta ainda que, apesar de ser muito sensível à melodia das palavras/ dos textos, e de perceber a diferença entre uma fonte numa língua de origem e a respetiva tradução, prefere em geral as traduções em português.

¹⁰ A memória da literatura da Antiguidade clássica é de igual modo perceptível na escrita em prosa de Vera Duarte, nomeadamente no volume *Contos crepusculares – Metamorfoses* (2020), desde logo evocativo do “Fragmento 7” do poeta grego Semónides de Amorgos (século VII a.C.), ao aproximar diversos caracteres humanos de diferentes animais, ainda que de molde distinto, mas também assente em inquietações de sociedades atuais, incluindo a cabo-verdiana, como o machismo, a violação, a misoginia, a pedofilia.

¹¹ Cf. e.g. Duarte, 2022, p. 40.

¹² *A Vénus crioula* é o título de um romance publicado em 2021.

A voz de Antígona na poesia cabo-verdiana de Vera Duarte¹³

Num “urdir de palavras” manifestamente entretecido a partir da realidade contemporânea, em particular cabo-verdiana, porquê o recurso insistente de Vera Duarte ao mito de Antígona, em diferentes obras, mesmo se apenas em menções breves e esparsas, mobilizadoras de conhecimentos do leitor para a perceção dos referentes míticos utilizados, de modo a garantir um diálogo mais efetivo com a voz textual e com a obra (re)criada¹⁴? Como se sabe, o mito, enquanto linguagem universal representativa de um ‘outro’, convida à indagação, à reflexão do *ego*, a nível individual ou coletivo, ao encontro – ou ao confronto – de identidades, à revelação – e à denúncia – mais ou menos veladas de comportamentos, de posturas, de perspetivas, de situações, através de (des)montagens e (re)criações de contornos antigos, cujos vestígios se adivinham sob o filtro do olhar moderno. O gosto pessoal de Vera Duarte pela Antiguidade, inflamado pelos ensinamentos de Nhô Roque, proporcionou-lhe o contacto com a figura de Antígona, que logo a fascinou, uma figura à qual regressaria posteriormente, durante o curso de Direito, “através do estudo do direito natural e da leitura das obras de Sófocles”. Sendo a autora “uma mulher do Direito, para quem o Direito natural deve inspirar o Direito positivo”, defende que “o bom senso, o cumprimento do dever, a igualdade e a justiça devem nortear a realização do Direito e que a realização do Direito e da justiça deve enfrentar com destemor a tirania, a discriminação e tudo o que for contra o Direito natural. Foi tudo isso e muito mais o que <ela> encontrou na personagem Antígona”¹⁵.

Num registo poético a que se alia uma atuação efetiva, a nível cultural, social e político, Vera Duarte recupera assim uma personagem mítica com um nome desde logo sugestivo da capacidade de ‘fazer frente’, de lutar, de resistir, de ser ‘anti-’, uma mulher mítica que não conseguiu viver sem exteriorizar a sua *philia* fraterna e a sua determinação, tal como a autora coeva/ o sujeito lírico se confessa incapaz de “escrever sem soletrar as palavras amor e liberdade” (Duarte, 2022, p. 7). “Inconsequente e destemperada/ mas sempre de punhos cerrados/ resiliente no deserto da esperança” (Duarte, 2022, p. 29), esta voz crioula da contemporaneidade conecta-se com a personagem de antanho no seu inconformismo, na sua coragem, no seu protesto, na sua persistência, no seu combate por direitos humanos essenciais, pela justiça. Evocando-a sempre pelo nome próprio que a celebrizou – e que dá o título à obra referencial de Sófocles, *Antígona* –, Vera Duarte recupera com fidelidade os traços da jovem delineados pelo modelo ateniense, singularizando, de igual modo, a sua individualidade e representando uma pessoa “virtuosa e em movimento, em atuação”, tal como Aristóteles define os heróis sofoclianos, que distingue dos de Eurípides, como se sabe: “Sófocles [...]

¹³ Não foi possível consultar as obras *Exercícios poéticos* (2010) nem *Laranjas do mar* (2020), por indisponibilidade dessas produções; no entanto, a antologia poética *A reinvenção do mar* (2018) reúne alguns textos de prosa poética selecionados do volume *Exercícios poéticos*.

¹⁴ A propósito da ideia de leitor ‘implícado’ no processo de leitura de um texto, cf. e.g. Iser, W. (1974). *The implied reader: patterns of communication in prose fiction from Bunyan to Beckett*. Baltimore.

¹⁵ Testemunho da autora, em email enviado no dia 08. 02. 2024.

representava os homens como deviam ser e Eurípides como eles eram¹⁶”. Assim, não são destacados momentos, confrontos ou episódios específicos da intervenção de Antígona, nem outras personagens da peça ateniense, mas, em vez disso, sobrepõe-se o comportamento paradigmático daquela figura e os motivos do seu combate. Deste modo, entre os tópicos da figura de outrora imortalizados pela versão sofocliana do mito¹⁷, Vera Duarte, que cruzou “a moral cristã que lhe foi inculcada com a moral revolucionária que livremente aceitou”¹⁸, distingue sobretudo nos seus versos a destemida e determinada atuação da jovem em defesa de questões de justiça – numa sociedade em que a mulher se via distanciada da gestão pública, a heroína mítica, como é habitual em Sófocles, defendera com convicção os valores em que acreditava, mesmo que isso tenha implicado enfrentar o poder político, o isolamento¹⁹ – e a própria morte. Na Grécia do século V a. C., como em Cabo Verde do momento atual, Antígona é um testemunho da força e do protagonismo de que a voz feminina se pode revestir em favor da justiça e do ‘outro’; ao rebelar-se contra as normas estabelecidas, num percurso pouco convencional em sociedades patriarcais, ela dá mostras da capacidade de contrariar qualquer proclamada supremacia masculina, em nome do cumprimento de um dever do Direito natural, desejavelmente inspirador do Direito positivo, de acordo com a convicção da própria autora contemporânea.

O nome de Antígona está explicitamente presente desde as primeiras publicações poéticas da escritora cabo-verdiana até às mais recentes, evidenciando a relevância do seu simbolismo no percurso literário e no ideário de Vera Duarte – não foi possível silenciar a jovem filha de Édipo, outrora, tal como hoje não é possível silenciar uma autora que, pugnando pela justiça, se preocupa em dar visibilidade às mulheres, cabo-verdianas e demais, muitas vezes obscurecidas pelo poder político, por sociedades conservadoras e androcêntricas, por ideologias masculinas hegemónicas, por culturas que teimam em secundarizá-las e em oprimi-las.

Em *O Arquipélago da paixão*, uma produção de 2001, entre diversas menções passageiras – mas expressivas – a várias figuras da Antiguidade clássica, como Safo, Pandora, Penélope, ou Ulisses, surge destacada, de modo significativo, por uma das três dedicatórias iniciais ao volume, a “Antígona de Sófocles”. Explicitamente filiada na versão sofocliana do mito, a invocação desta personagem lendária, intercalada entre dedicatórias a figuras reais, da intimidade contem-

¹⁶ Aristot. *Po.* 1448a-26 e 1460b-36. Tradução de Valente, 2004.

¹⁷ Cf. aspetos como o predomínio do político e público sobre o familiar e privado, a questão da justiça, universal e cívica, a importância do divino, a condição feminina em sociedades androcêntricas, o motivo romanesco, vagamente sugerido.

¹⁸ Cf. Duarte, 1993, p. 31.

¹⁹ O isolamento relacional é característico dos heróis sofoclianos, como se sabe, e, em geral, permite distinguir ainda mais a sua heroicidade. No caso de habitantes insulares como os cabo-verdianos, o isolamento é geográfico, não limitativo do espírito de convívio, de comunidade: “O sentido de comunidade sobrepõe-se assim, no ilhéu, ao de sociedade, tal como o sentimento de fraternidade é mais fortemente sentido na dura realidade insular do que o da simples solidariedade...” (Carneiro, 2016, p. XXIX).

porânea da autora – a mãe, “uma mulher de encruzilhadas/ que ajudou a lançar as sementes/ de um tempo novo” (Duarte, 2001, p. 25), e os filhos, o Nuno e o Zé Miguel, seus “eternos amores” –, dá mostras da enorme proximidade sentida por Vera Duarte com a princesa tebana, com a sua voz de contestação <feminina>, uma voz que se faz ouvir, uma voz que dá voz audível a quem ela não é concedida, seja ela a do cadáver do irmão ou a de múltiplas mulheres subjugadas:

E à Antígona de Sófocles
uma mulher que há dois mil e quinhentos anos
redimiui o futuro de todas as mulheres da terra.

Numa sociedade androcêntrica, como a da Atenas/ Tebas do século V a.C., num palácio dominado pelo poder e pelos ditames do rei Creonte, a desobediência, a indignação, a revolta, a obsessão, a paixão, a voz da jovem filha de Édipo, em nome de uma lei não escrita, mas de natureza ética e intemporal – tão só a de dar dignidade ao cadáver de um irmão, concedendo-lhe devidas honras fúnebres²⁰ –, sobressaem e suscitam, hoje, uma atualização, revelando a pertinência da defesa dos direitos humanos em geral – e femininos em especial – contra a tirania, contra a indiferença, contra a desigualdade de géneros... A intervenção de Antígona não se confina à esfera doméstica, como era convencional acontecer com as mulheres, em consonância com um padrão tradicional de comportamento feminino, mas imiscui-se de modo audaz no domínio público, convertendo-se num exemplo por excelência para uma multiplicidade de mulheres submissamente anuladas em variados tempos e lugares. Convocar aquela figura mítica harmoniza-se, pois, com a intensa atuação humanista – e apaixonada – de uma autora cabo-verdiana formada em Direito, que se bate sem tréguas contra as desigualdades, contra a injustiça: a atitude da heroína de outrora enquadra-se na perfeição nas boas práticas do Direito universal e na escrita emotiva de Vera Duarte, sempre muito atenta a questões sociais coevas e aos direitos da mulher. Como revela a autora, “gosta de ser grata a tudo o que algum dia a influenciou positivamente e a fez ser uma pessoa melhor. Por isso estende a sua gratidão mais sincera, acrescida de uma imensa admiração, à figura ímpar de Antígona, uma mulher com o direito à desobediência, algo extremamente importante até aos dias de hoje”²¹.

Após a dedicatória, uma breve menção a Antígona é incluída em referências a mulheres-*exempla*, na longa composição “Ortodoxias em desagregação – poema manifesto”, sugestivamente inserida no Caderno 2 da obra, designado “Do amor”. A heroína de Tebas é uma “das mulheres que ousaram/ das mulheres que fizeram” (Duarte, 2021, p. 60), e que, por isso, imbui o eu lírico da esperança ainda guardada na caixa de Pandora:

²⁰ A propósito de diversas interpretações sobre os temas e o significado da peça sofocliana, cf. e.g. a introdução de Rocha Pereira à tradução portuguesa da obra.

²¹ Vera Duarte in email de 08. 02. 2024.

Pois tudo mudou
 mas a minha alma permanece intacta
 de antígona pela justiça
 de safo pela beleza
 de ginga pela bravura
 serei sempre
 uma mulher de outubro
 uma mulher de outubros (Duarte, 2021, pp. 62-63)

Justiça, beleza, bravura, recusa da humilhação são moes de uma poetisa-
 -“missionária” da atualidade, comprometida com o cuidar “das crianças desam-
 paradas/ ...das mulheres violentadas/ ...dos velhos abandonados” (Duarte, 2021,
 p. 63), comprometida com a ação, com a não-indiferença, tal como figuras femi-
 ninas de outrora, míticas e reais, como Safo de Lesbos (século VI a.C.), singula-
 rizada pela escrita poética, ou a rainha angolana Ginga (séculos XVI-XVII), pela
 arte de governar.

No caderno 4 da mesma obra – “Navegações” –, a princesa tebana regressa,
 num breve texto em prosa poética – “A prisão” –, como uma figura muito impor-
 tante na conversa do eu lírico com “pássaros engaiolados²²”, seres desamparados,
 sem liberdade, que lhe “pedem explicações tão urgentes quanto inexistentes
 sobre a salvação do mundo e a redenção dos homens”. Num universo repleto de
 injustiças, que respostas, que conforto, que certezas pode Antígona dar?

Falo-lhes.

Falo de Deus e do nada. Do caos e do recomeço, De Abel e eternamente de Caim.
 De Romeu e Julieta e a negação do amor. Sobretudo falo-lhes de Antígona. E de
 clareiras abertas no mato, de navios negreiros, de porões ensanguentados. E de
 terras, em terras, de outras terras, de escravos amarrados ao tronco, esperando a
 chibata, e mulheres que cochiam o milho e rodopiavam ao som do batuque.

Em versos homéricos as minhas palavras corriam fluentes, urgentes, expiatórias,
 imperiosas.

Afinal não havia nada a fazer. Apenas deixar-me ficar... e sorrir. (Duarte, 2021, p. 93)

A mítica princesa grega, a par do Deus cristão, de figuras bíblicas como Abel
 e Caim, ou shakespeareanas como Romeu e Julieta, é recuperada como meio de
 aliviar um pouco a solidão, ela, sobretudo, que, “dando o peito às balas”²³, suportou
 sozinha, heroicamente, o emparedamento, em defesa de uma justiça conectada
 com o Direito natural, revelando-se livre na sua desobediência, no seu incumpri-
 mento de padrões femininos tradicionais, inibidores de uma voz pública audível.

Vários anos mais tarde, numa obra de 2018, *De risos e lágrimas*, Antígona
 é de igual modo evocada, à cabeça de uma enumeração de nomes de mulheres
 paradigmáticas (Joana d’Arc, Olímpia do Epiro, Virgínia Woolf, Mariama Bá,
 Ginga)²⁴, que evidencia como as mulheres desde sempre marcaram presença

²² Como nota com oportunidade Gomes in Duarte (2001, pp. 8-9 e 22), a imagem do pássaro fechado
 estabelece intertextualidade com o poeta Jorge Barbosa.

²³ Vera Duarte in email de 08. 02. 2024.

²⁴ Duarte, 2018, p. 26.

na(s) história(s). Leite, no prefácio a Duarte, (2018, p. 11), chama oportunamente a atenção para o título de um poema deste volume – “História trágico-feminina” – “em que o jogo de palavras de imediato convoca uma dimensão trágica do feminino, ao situar a enunciação da poetisa, enquanto voz crítica e de resistência, à subalterna histórica condição de ser mulher”. As menções a figuras femininas incluem desta feita dois versos para cada uma delas, destacando primeiro traços que caracterizaram os respectivos percursos singulares, para, num segundo verso, descreverem o modo como todas elas acabaram por perder tragicamente a vida: suicidadas, imoladas, “homicidadas”, violentadas. “Antígona foi justa e dura/ morreu emparedada”. Um dos adjetivos usados para caracterizar a filha de Édipo acentua de novo a justiça da sua atuação, revelando como esse é um tópico privilegiado na recuperação desta figura, ao qual se acrescenta, por outro lado, de modo significativo, a ideia da sua firmeza na defesa de uma causa. Apesar das mortes terríveis, evocativas de muitos femicídios da atualidade que é urgente denunciar e combater, os nomes e as atuações daquelas figuras sobreviveram como exemplos paradigmáticos de mulheres fortes e ativas em nome de causas importantes. Observa ainda Leite que “a voz de Vera se enquadra, sintoniza e questiona os diferentes percursos femininos” enunciados para se juntar “ao exemplo daquelas figuras emblemáticas, quando procura resgatar o lugar da mulher na sociedade”: “E eu?/ O que faço aqui?”

Em “Frenesim” (2022, p. 68), prosa poética num volume posterior a 2018, *Urdindo palavras no silêncio dos dias*, que inclui ainda múltiplos poemas, Antígona surge enquadrada num elenco de figuras femininas que “sempre estiveram lá”, “desde as remotas Lucy e Luzia²⁵ à rebelde Antígona, desde Safo voluptuosa à Ginga guerreira e tantas outras”. Os *exempla*, a lembrança de diversas mulheres que se distinguiram por várias razões refletem/ convidam ao envolvimento feminino na atualidade, numa imperativa rebelião contra a tirania, contra a misoginia, contra a escravização: “...adejávamos à volta da luz... Hoje somos luz...”, conclui significativamente o sujeito poético, a propósito de uma evolução gradual no percurso da emancipação feminina. As noções de igualdade de géneros, de visibilidade da mulher, de libertação de explorações, de medos, tão caras a Vera Duarte, afirmam-se claramente numa época em que, em Cabo-Verde, essas questões parecem apesar de tudo estar num bom caminho, de acordo com testemunhos da própria autora em diversas entrevistas, como ficou dito antes.

Antígona marca igualmente presença em publicações em prosa de Vera Duarte, de modo mais ou menos demorado, desde o primeiro volume, *A candidata* (2004), até aos mais recentes, *A Vénus crioula* e *Desassossegos e acalantos* (2021), vincando uma vez mais os laços sentidos pela autora com aquela personagem sensível, insubmissa, batalhadora, que nasceu “para retribuir o amor, não o

²⁵ Como é sabido, Lucy e Luzia são os mais antigos fósseis humanos encontrados, respetivamente em África e na América Latina; a autora evoca, assim, nomes de mulheres que marcam a história desses continentes e da humanidade em geral.

ódio”²⁶, significativa citação de abertura e *leit-motiv* do romance *A candidata*. Por limites de espaço, não é propósito deste contributo explorar essas obras neste momento. De resto, uma outra colaboração neste volume tratará precisamente de uma delas, mais recente, *Desassossegos e acalantos*, produção que conta com Antígona como tema de um dos seus vários microcontos. Fica, no entanto, o repto para trabalhos futuros²⁷.

Em jeito de conclusão

O olhar envolvido, atento e crítico de Vera Duarte perante a História recente e a realidade contemporânea de Cabo-Verde – e do mundo em geral – instiga-a a reiterados regressos “à Antígona de Sófocles” na sua escrita, em evidente diálogo intertextual, em renovada ‘tessitura de citações passadas’ (R. Barthes, 2004, p. 276), porquanto aquela heroína mítica é uma daquelas mulheres que, como a própria autora, “um dia ousaram gritar”, é uma daquelas mulheres que deixam “pegadas/, marcando a nossa história/ em vermelhas folhas de papel a sangrar”

²⁶ Cf. Sófocles, *Antígona*, v. 523: “não nasci para odiar, mas sim para amar” (trad. de M. H. Rocha Pereira).

²⁷ Entre essas obras conta-se, pois, *A candidata*, dedicada a Amílcar Cabral, um nome de liderança admirável na história da independência de Cabo-Verde e, como testemunha a própria autora, dedicada também “às mulheres cabo-verdianas que participaram na luta de libertação nacional, em relação às quais houve muita invisibilidade, um memoricídio, em diversas áreas, de resto, que nós, mulheres contemporâneas, estamos a combater de forma sistemática, numa atitude que levará a um outro patamar” (Duarte in Pamplona, 2021). Safo, a rainha Ginga, Eva Curie são nomes mencionados de figuras reais, porquanto se distinguiram em diferentes domínios, respetivamente na poesia, na arte de governar, na ciência, ilustrando, uma vez mais, exemplos históricos que, desde a Antiguidade, evidenciam a presença da mulher no desenvolvimento de várias esferas. Como acrescenta ainda Vera Duarte, “pensámos durante muito tempo que na História e na literatura – e em Cabo-Verde em particular –, só havia homens; mas as mulheres estão desde os inícios no combate, como também no edifício literário cabo-verdiano; procuro resgatar do memoricídio os nomes de mulheres que povoaram a nossa História. Na obra, questiono e falo sobre esse processo de emancipação, de empoderamento da mulher porque é algo que sempre esteve também nas minhas lutas”. Este volume foi significativamente premiado com o Grande Prémio Sonangol da Literatura, em 2003.

Os microcontos *Desassossegos e acalantos* (2021) incluem de igual modo Antígona nas suas histórias – a este propósito, cf. a colaboração de M. Raquel Álvares neste volume.

O romance *A Vénus crioula* (2021), por seu turno, que evidencia logo no título uma atualização da mítica divindade da Antiguidade clássica, ao conceder-lhe uma tonalidade crioula (sobre esta obra, cf. o interessante estudo de Lima 2023), refere-se à princesa de Tebas num breve mas significativo parágrafo, que é impossível resistir a transcrever, uma vez que não apenas insiste no vínculo à versão sofocliana do mito, como, sobretudo, corrobora o fascínio inegável por uma mulher específica, que ousou com justiça ficar na ‘História’. Assim, a propósito de uma *tourné* da protagonista do livro, a personagem Tina, cantora cabo-verdiana famosa, com passagem por Atenas, a autora regista o seguinte:

A Acrópole e o Pireu em Atenas, naturalmente, cativaram a atenção de Tina, que deu por si a imaginar a presença de Sófocles naqueles lugares. Como gostaria de o ter conhecido e ter podido cantar para ele! Aproveitaria, sem dúvida, para agradecer-lhe ter escrito Antígona, que a tia lhe dera para ler e ela ficara fascinada com a insubmissão justa da heroína às ordens iníquas do ditador Creonte. (p. 111)

(Duarte, 2022, p. 95), uma mulher determinada e persistente nas suas convicções, um símbolo mítico capaz de traduzir um sentir insular num grito universal, capaz de interpelar, de incomodar também o mundo coevo. Através de uma ousada intervenção na esfera pública, Antígona resgata da obscuridade a mulher em geral; por outro lado, ao atuar em nome do 'outro', mostra-se solidária para com os direitos devidos ao comum dos seres humanos, mesmo na morte.

A memória de Antígona, a par da de outras figuras femininas paradigmáticas, lendárias ou reais, mais ou menos contemporâneas de Vera Duarte, instiga a ir contra o memoricídio comum em sociedades patriarcais que, não raro, ofuscou a relevante implicação da mulher na História em geral e na de Cabo-Verde em particular. Do mito de Antígona em especial, a autora enfatiza a insubmissão, a ousadia, a firmeza, o empenho, a voz em defesa da justiça e da solidariedade.

A essência, as causas a defender, hoje como outrora, repetem-se, afinal, sob designações várias:

Tudo o que digo
Já foi dito
Por outras vozes
Outras canções

Mas quero dizê-lo
- e digo -
Para ampliar
O refrão da L

I
B
E
R
D
A
D
E (Duarte, 2018, p. 17)

Liberdade, um propósito congregador de vozes e de atuações em múltiplos e diferenciados abris, na antiga Grécia, como em Cabo-Verde ou em Portugal: mito e realidade(s) entrecruzam-se para revelar e problematizar questões essenciais, universais e intemporais da nossa existência.

Referências bibliográficas/ webgráficas

- Almeida, G. (2003). *Cabo Verde – Viagem pela história das ilhas*. Lisboa: Caminho.
- Alves, R. M. F. (2021). A literatura de Cabo Verde. *Literafro: o portal da literatura afro-brasileira*. Retrieved from <http://www.letras.ufmg.br/literafro/literafricas/literatura-cabo-verdiana/1558-a-literatura-de-cabo-verde-roberta-maria-ferreira-alves>
- Barthes, R. (2004). Teoria do texto. In R. Barthes. *Inéditos – Vol. I*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 261-289. Retrieved from https://iedamagri.files.wordpress.com/2020/02/aula5_barthes-teoria-do-texto.pdf
- Carneiro, R., Almeida, O. T., & Matos, A. T. (2017). *A condição de ilhéu*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa. Retrieved from file:///C:/Users/Admin/Downloads/9789729045394.pdf

- Coutinho, A. S. (2020). Militantes invisíveis: as cabo-verdianas e o movimento independentista (1956-1974). *Revista Estudos Feministas*, 28(1), 1-13. Retrieved from <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2020v28n168316/43528>
- Duarte, V. (1993). *Amanhã amadrigada*. Lisboa: Vega.
- Duarte, V. (2001). *O arquipélago da paixão*. Praia: Artilheira.
- Duarte, V. (2004). *A candidata*. Luanda: UEA.
- Duarte, V. (2005). *Preces e súplicas ou os cantos da desesperança*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Duarte, V. (2017). *A matriarca: uma história de mestiçagens*. Praia: Pedro Cardoso Livraria.
- Duarte, V. (2018). *De risos e lágrimas*. Praia: Pedro Cardoso Livraria.
- Duarte, V. (2018). *A reinvenção do mar – antologia poética*. Lisboa: Rosa de Porcelana Editora.
- Duarte, V. (2020). *Contos crepusculares – metamorfoses*. Praia: Pedro Cardoso Livraria.
- Duarte, V. (2021). *Desassossegos e acalantos*. Salvador: Katuka Edições.
- Duarte, V. (2021). *A Vénus crioula*. Lisboa: Rosa de Porcelana Editora.
- Duarte, V. (2022). *Urdindo palavras no silêncio dos dias*. Lisboa: Kotter Editorial.
- Ferreira, M. (1985). *A aventura crioula*. Lisboa: Plátano Editora.
- Furtado, C. A. (2012). Raça, classe e etnia nos estudos sobre e em Cabo Verde: as marcas do silêncio. *Afro-Ásia*, 45, 143-171. Retrieved from <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21253>
- Gomes, S. C. (2021). A escrita de Vera Duarte: de Cabo Verde para o mundo. *Revista África e africanidades* 14 (39), 42-49. Retrieved from <https://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/dossievamosconversar-litafricanas.pdf>
- Gomes, S. C. (2019). A escrita literária de Dina Salústio e Vera Duarte: resistindo à persistência de um cânone de perspectiva masculina. *Interdisciplinar: revista de estudos em língua e literatura*, 32, 227-242. Retrieved from <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/12885/9716>
- Gomes, S. C. (2008). *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*. São Paulo e Praia: Ateliê Editorial.
- Gomes, S. C. (2002). Óleo sobre tela: mulher com paisagem ao fundo (a prosa literária de autoria feminina em Cabo Verde). Retrieved from http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ANPOLL_2002/arquivos/pdf/001_mulher_literatura/simone_gomes.pdf
- Laranjeira, J. L. P. (1995). *A negritude africana de língua portuguesa*. Porto: Edições Afrontamento.
- Laranjeira, J. L. P., Simões, M. J., & Xavier, L. G. (Orgs.). (2005). *Estudos de Literaturas Africanas: Cinco Povos, Cinco Nações*. Lisboa: Novo Imbondeiro.
- Lima, N. (2019). Literatura cabo-verdiana em trânsito. *Soletas*, 38, 339-362. Retrieved from <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletas/article/view/43347/30857>
- Lima, N. (2021). Claridade revista (2000-2013). *LiterÁfricas*. Retrieved from <http://www.lettras.ufmg.br/literafr/arquivos/literAfricas/Literatura-Cabo-verdiana/NormaLima4.pdf>
- Lima, N. (2023). Quando a Vénus é crioula: o canto da sereia em Vera Duarte. *Abril*, 15(31), 207-223. Retrieved from <https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/58204/35462>
- Martins, I., & Cavalcante, M. (2023). Gênero e política em *A candidata*. *Revista Ft*. 120. Retrieved from <https://revistaft.com.br/genero-e-politica-em-a-candidata/>
- Mata, I., & Padilha, L. C. (2008, 2.^a ed.). *A mulher em África – Vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Edições Colibri.
- Pamplona, M. (2021). Lusofonia e política: Marcos Pamplona conversa com Vera Duarte Pina. Entrevista realizada por Marcos Pamplona para a Kotter TV. Retrieved from <https://www.youtube.com/watch?v=2g5GSk7m7C8>
- Pereira, E. A. (2010). Vera Duarte: ‘a mulher cabo-verdiana é uma personagem interessante. *Scripta*, 14(27), 105-111.
- Pinheiro, E. (2019). *Denúncia e resgate em Preces e súplicas ou Os Cânticos da desesperança, de Vera Duarte*. (Master’s thesis, Universidade Federal do Amazonas). Retrieved from https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/7106/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o_EvertonPinheiro_PPGL.pdf
- Rocha Pereira, M. H. (2012, 11.^a ed.). *Sófocles. Antígona*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Santiago, D., & Sacramento, S. (2016). A construção do Espaço Político Feminino em *A Candidata* de Vera Duarte. *Interdisciplinar: Revista de Estudos de língua e Literatura* 11(25), 43-59. Retrieved from <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/5747/4751>

- Santos, H. (2022). Ler nas ilhas com Vera Duarte. Entrevista de Humberto Santos a Vera Duarte. Retrieved from <https://www.youtube.com/watch?v=TYdsRvB-Ek>
- Santos, J. (2022). A candidata, de Vera Duarte: a história de Cabo Verde relida pela ficção feminina. (Master's thesis, Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Retrieved from <https://www.bdt.uerj.br:8443/bitstream/1/19750/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Juliana%20Felicidade%20Teixeira%20dos%20Santos%20-%202023%20-%20completa.pdf>
- Secco, C. L. T. R. (2008). Algumas tendências da poesia cabo-verdiana hoje. *Confraria do vento*, 18. Retrieved from <http://www.confrariadovento.com/revista/numero18/ensaio04.htm>
- Secco, C. L. T. R. (2004). Sob a égide de Antígona: a dimensão trágica do lirismo cabo-verdiano de Vera Duarte". *Scripta*, 8(15), 215-225. Retrieved from <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12581/9880>
- Silveira, S. (2012). Literatura lusófona – a metapoesia caboverdeana de Vera Duarte. [Web log post] Retrieved from <https://projetotextuacao.blogspot.com/2012/01/literatura-lusofona-metapoesia-de-vera.html>
- Tolomei, C. (2021). Poesia cabo-verdiana – entrevista com Vera Duarte. *Conversas ao sul*. Entrevista de Cristiana Tolomei a Vera Duarte. Retrieved from https://www.youtube.com/watch?v=_5mDzPV8lXY
- Valente, A. M. (2004). *Aristóteles. Poética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Resumo

O carácter universal e versátil dos mitos greco-latinos fica evidente nas revisitações constantes de diversos autores modernos a uma herança capaz de 'dizer' realidades presentes, num dialogismo permanente entre tempos, espaços, sensibilidades, propósitos. Assim acontece com vários escritores africanos de língua portuguesa, para os quais figuras como Antígona, por exemplo, são significativamente convocadas, porquanto muito apropriadas para dar voz a vivências específicas e atuais em África.

O presente contributo pretende evidenciar a pertinência da memória da contestatária filha de Édipo na obra poética da cabo-verdiana Vera Duarte, uma escrita em que as mulheres se distinguem em particular.

Abstract

The universal and versatile nature of Greco-Latin myths is shown by their constant revisitations by various contemporary authors. This heritage, so often reinterpreted, is capable of 'telling' of present realities, in permanent, ongoing dialogue across eras, spaces, sensibilities, and purposes. This is the case among several Portuguese-speaking African writers, who often evoke figures such as Antigone to articulate specific and contemporary African experiences. This contribution focuses on the significance of the memory of Oedipus's defiant daughter in the poetic works of Cape Verdean writer Vera Duarte, whose writing gives women particular prominence.

